CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
BRUCE SPRINGSTEEN
24 de Julho de 2026

LEURS ENFANTS APRÈS EUX / 2024

um filme de Ludovic e Zoran Boukherma

Realização: Ludovic e Zoran Boukherma / Argumento: Ludovic e Zoran Boukherma, baseado no romance homónimo de Nicolas Mathieu / Direcção de Fotografia: Augustin Barbaroux / Direcção Artística: Jérémy Duchier / Música: Amaury Chabauty / Som: Charles Michaud / Montagem: Géraldine Mangenot / Interpretação: Paul Kircher (Anthony), Sayyid El Alami (Hacine), Ludivine Sagnier (Hélène), Gilles Lellouche (Patrick), Angelina Woreth (Stéphanie), Christine Gautier (Vanessa), Anouk Villemin (Clémence), Raphael Quenard (Manu), Barbara Butch (Irène), Lounès Tazairt (Malik), Victor Kervern (Romain), etc.

Produção: Trésor Films – Chi-Fou-Mi Productions / Produtores: Alain Attal e Hugo Sélignac / Cópia: digital, colorida, falada em francês com legendagem eletrónica em português / Duração: 146 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

***

No final da sessão será exibido um clip de Bruce Springsteen.

***

"Tramps like us (...)"

Os irmãos gémeos Ludovic e Zoran Boukherma, ainda muito jovens (nasceram em 1992), são uns perfeitos desconhecidos em Portugal, onde nunca nada deles chegou ao circuito comercial. Ficámos a perder, é a conclusão que se tira. Ficámos a perder, pelo menos, com a ausência de **Leurs Enfant Après Eux** (a quarta longa-metragem do par) das nossas salas.

Porque é de facto um belo filme, sempre a rondar formas clássicas e populares (o melodrama social, a tragédia "working class", o filme de iniciação e passagem à idade adulta, a "crónica de Verão", etc) sem se lhes entregar completamente, mas também sem as trair, e sobretudo sem nunca procurar as fórmulas e as soluções mais fáceis e mais previsíveis. A sua estrutura, que talvez venha do romance adaptado pelo argumento ou talvez não, é particularmente refinada, e com elementos bastante surpreendentes. A narrativa está dividida entre quatro verões dos anos 1990, mas o tempo que se passa entre verões contém sempre elipses poderosíssimas (e narrativamente cruciais), que desmontam a linearidade do filme, que prefere trabalhar "passagens" e fazer das passagens uma espécie de solavanco (demora sempre algum tempo, a cada salto cronológico, que o espectador se habitue ao novo estado das personagens e da narrativa). De resto, é a própria economia narrativa do filme que é bastante peculiar. O acontecimento mais determinante (o roubo da motocicleta) fica resolvido por alturas de metade da duração do filme; o resto do tempo é exploração

das consequências desse acontecimento, um longo processo de reparação e reajuste ou, nalguns casos, desajuste, como na personagem do pai (belíssima, e para não variar, elíptica, a cena do seu desaparecimento no lago), a cargo de Gilles Lellouche, actor que nunca vimos ser ao mesmo tempo tão bruto e tão comovente como aqui.

Se, desde o princípio, quando o filme parece ser apenas mais uma história de adolescentes no Verão (nada contra, claro), seguimos um determinado núcleo de personagens (os rapazes, os pais de Anthony, as raparigas), a primeira torção no ponto de vista é brilhante: é quando o autor do roubo da motocicleta, Hacine, o miúdo de ascendência magrebina, se torna também um protagonista, e o filme se interessa por ele, pelo seu ambiente, pela sua família. Se o par Anthony/Hacine faz a grande inimizade, o grande antagonismo, do filme, fica desde cedo muito claro que eles são o espelho um do outro, e que, sobretudo neste ambiente de ruralidade pós-industrial (a insistência nas imagens das grandes estruturas fabris lembra por vezes o **Deer Hunter** de Cimino, o que, pesando todas as diferenças entre ambos os filmes, incluindo as sociológicas e as geográficas, até parece fazer algum sentido), é muito mais o que os aproxima do que o que os afasta. Isso retine ao longo do filme, numa surdina que acaba por ser escutada e entendida pelas próprias personagens: depois da pequena vingança de Anthony sobre Hacine (quando já passou uma meia-dúzia de anos sobre os acontecimentos iniciais e as personagens estão unidas no apoio à França de Zinedine Zidane no Mundial 98), praticamente o último diálogo do filme é o telefonema a combinar a devolução da motocicleta, como se o presente fosse sempre uma possibilidade de reparar, "reescrever", o passado, numa superação do ressentimento. Esse gesto irmana as personagens, definitivamente, e depois disso o filme, se não acaba logo, fica pronto a acabar.

A mise en scène dos Boukherma está cheia de pequenos achados, que são fugas absolutas ao puro pragmatismo narrativo. Não são só as elipses nem os saltos na história, é a maneira como em cada momento o filme se foca em blocos temporais relativamente concentrados, com uma sensação de dilatação do tempo. A sequência da festa é particularmente bem conseguida, pela maneira como o filme consegue encenar a coexistência de tantas emoções de sinal contrário a percorrem a relativamente extensa galeria de personagens. É, por exemplo, o momento em que a personagem do pai se transfigura, mas também é o momento em que Hacine começa a ser visto (e também a ver, ele) com outros olhos. A festa – uma daquelas festas típicas do verão da província, seja ela francesa ou portuguesa – também põe em destaque a forma como os gémeos Boukherma se servem da música, todos aqueles "hinos" do princípio dos anos 90 (nem falta o *Nothing Else Matters*, dos Metallica) que são usados com toda a justiça do "primeiro grau", sem distância, porque é a música que faz sentido que aquelas personagens ouçam. Ou a mestria do uso da música como contraponto: a cena emocionalmente mais dura e áspera do filme (o reencontro entre os pais de Anthony) sucede quando em fundo se ouvem as Supremes, *You Can't Hurry Love*. E também faz todo o sentido que o filme se despeça com *Born to Run* de Bruce Springsteen, levando-nos do travelling a acompanhar a moto de Anthony para o genérico de fecho, porque desde o princípio que os Boukherma estavam a filmar o equivalente francês das paisagens sociais e emocionais das canções de Bruce. "*Des voyoux comme nous (...)*"?

Luís Miguel Oliveira